

ACTAS DEL VI CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE LITERATURA MEDIEVAL

(Alcalá de Henares, 12-16 de septiembre de 1995)

Edición a cargo de
José Manuel Lucía Megías

TOMO I



Servicio de Publicaciones

Universidad de Alcalá

1997

Quedan reservados todos los derechos, ni parte ni la totalidad de este libro puede ser reproducido por cualquier medio, ya sea mecánico o electrónico, sin el permiso de los editores.

Comité Organizador:

Carlos ALVAR
 María del Carmen FERNÁNDEZ LÓPEZ
 Sonia GARZA
 José Manuel LUCÍA MEGÍAS
 Joaquín RUBIO TOVAR
 Pedro SÁNCHEZ-PRIETO BORJA
 María Jesús TORRENS

En la edición de *Las Actas del VI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval* han colaborado Pedro Sánchez-Prieto Borja, Joaquín Rubio Tovar, M.^a Carmen Fernández López, M.^a Jesús Torrens y Paciencia Talaya.

© Anónimas y colectivas
 © Universidad Alcalá
 Servicio de Publicaciones

I.S.B.N. (Obra completa): 84-8138-207-8
 I.S.B.N. (Tomo I): 84-8138-208-6

Depósito Legal: M-29893-1997

Imprime: Nuevo Siglo, S.L.

O LUGAR DO MESTRE PAIO CORREIA NA HISTÓRIA-1. A *CRÓNICA DE 1419* E A *CRÓNICA DA CONQUISTA DO ALGARVE*¹

António Branco
Universidade do Algarve

A acção de Mestre Paio Peres Correia na conquista do Algarve é mencionada, na historiografia medieval portuguesa, em três textos conhecidos: na segunda redacção da *Crónica Geral de Espanha de 1344*², na *Crónica da Conquista do Algarve*³ e na *Crónica de 1419*⁴ (reinado de D. Afonso III). Na primeira, a personagem é apenas referida como responsável pela conquista de parte dos territórios algarvios aos mouros, a par do rei (Cap. DCCXVII, p. 242, ll.10-12). A *Crónica da Conquista do Algarve*⁵ atribui-lhe um papel central nesse empreendimento militar. A *C1419* apresenta um texto muito semelhante ao da *CCA*.

Pretendo desenvolver este trabalho em torno da análise da relação entre a *CCA* e a *C1419*. Tentarei demonstrar que a fonte principal da segunda, para parte do reinado de D. Afonso III, foi uma versão da *CCA*, mas que o autor da crónica régia deve ter tido acesso a outras fontes, hoje desconhecidas.

No seu estudo mais exaustivo sobre a historiografia medieval portuguesa, Lindley

¹ Este trabalho foi apoiado pelo Instituto Camões e pela JNICT através do Programa Lusitânia.

² Edição de Luís Filipe Lindley Cintra.

³ Designação atribuída por Alexandre Herculano (*Scriptores*, p. 415) - e actualmente aceite - a um texto existente em cópia do séc. XVIII, no Arquivo Histórico de Tavira, com o título de *Coroniqua de como Dom Payo Correa Mestre de Santiago de Castella tomou este reino do Algarve aos Moros*. Utilizo a edição de José Pedro Machado.

⁴ Título convencionado de um texto de que existem duas versões: *Crónica de Cinco Reis de Portugal*, ed. de A. Magalhães Basto e *Crónicas dos Sete Primeiros Reis de Portugal*, ed. de Carlos da Silva Tarouca. Estarei sempre a referir-me à primeira dessas versões.

⁵ A partir deste ponto, e porque passarei a mencionar com frequência a *Crónica da Conquista do Algarve* e a *Crónica de 1419*, abreviarei para *CCA* e *C1419*, respectivamente. Pelo mesmo motivo, designarei a *Crónica Geral de Espanha de 1344* pela abreviatura *CGE1344*.

Cintra defendeu que a CCA era extracto da C1419⁶. Mais tarde, outros investigadores preferiram considerar que a primeira, independente da crónica régia, podia ter sido fonte desta ou que ambas se tinham socorrido de um mesmo texto -possivelmente a *Crónica do Mestre Paio Correia*, biografia perdida deste cavaleiro português⁷. Um confronto minucioso dos textos da CCA e da «Crónica de D.Afonso III» incluída na C1419, a que estou a proceder mas que ainda não concluí, poderá ajudar a dilucidar esta questão. Todavia, desde já adianto alguns argumentos em defesa da tese deste trabalho.

Do Cap. 4 ao Cap. 12 da «Crónica de D.Afonso III», na C1419, conta-se a conquista dos territórios algarvios aos Mouros: numa primeira parte, sob a chefia de Paio Correia (Caps. 4-10), juntando-se a ele, numa segunda parte (Caps. 11-12), o rei. Estes capítulos são iguais em número e na divisão da matéria diegética aos da CCA, embora a C1419 acrescente, no Cap. 12, correspondente ao Cap. [IX] da outra crónica, informações que nela não aparecem, como veremos mais adiante⁸. Por enquanto, comecemos por comparar parte do texto do Cap. 4 da crónica régia (p. 202) com o texto correspondente do Cap. [I] da CCA (p. 5):

QUADRO Nº 1

	CCA	C1419
A	Reinando em portugall ell Rey afonso o treseiro deste nome que hera casado com dona beatrix, filha de ellRey de Castella ouve della estes filhos conuem a saber	Sendo casado este rej D.Affonso com esta rainha Dona Briatis como dissemos ouue della estes filhos
B	ho ymfamte dom denis, que nasceo em Lisboa dia de S. denis, aos vynte de outubro era de mill e duzentos e noventa e nove annos	o primeiro foi o Iffte D.Dinis que depois foi rej que nação em Lix ^a em dia de .S.Dinis a vinte de Outubro de mil e duzentos e quarenta e nove annos
C	e ho ymfamte dom afonso que foi mui bom ymfamte	e o Iff ^o dom A. ^o que foi muj bom Iff ^o
D	e a ymfamte dona samcha que morreo em sevilha e depois a trouxeraõ a allcobaça	e a Iffte dona Sancha que morreo em Seuilha e depois a trouxeraõ a Alcobaça
E	e outra filha que ouve nome dona bramqua que foi senhora do mosteiro de llorvão e nelle morreo segundo a Coronnica de espanha fas menção	eoutra filha ouue nome Dona branca foi senhora do Mosteiro de loruão e ahi morreo segundo a cronica despanha faz menção
F	e este rey dom afonso tomou aos mouros faraõ e outros lugares	e este rej dom A. ^o tomou aos Mouros faraõ e outros lugares
G	e ho mestre dom payo correa era seo compadre e seo naturall e ganhou tavira e a maior parte do allguarve	e o mestre Dom Pajo correa era seu compadre e seu natural e ganhou tauila e a maior parte do Algarue
H	e não diz como nem porque guisa mas queremos vos dizer aqui brevemente como estes lugares foram tomados segundo ho achamos escripto	e não diz comoñ perque mn. ^o e essa porem queremos nos aqui dizer breuemente como estes lugares foraõ tomados segundo o achamos em escrito

⁶ Cintra, 1951a, p. CCCLII, nota 94. Repete a ideia em Cintra, 1960a [Li esse texto, sem nenhuma alteração, na 3ª ed., 1984, p. 238].

⁷ Cf., entre outros, Machado, 1979, p. 27 e Krus, 1993a, p. 176. Avalor-Arce (1974, pp. 13-63) defende a existência dessa crónica, relacionando-a com a tradição épica espanhola, mas não conhece a CCA. Amado (1995, pp. 8-9) dá por adquirida a utilização da CCA pelo autor da C1419, depois de, num trabalho anterior (1991, p. 47), se ter referido ao assunto de modo cauteloso.

⁸ Vide *infra* pp. 3 ss.

Não parecem nada naturais as opções discursivas do autor da *C1419*: depois de 3 capítulos sobre o rei, apresenta no 4º o nome da rainha (A) e a lista dos descendentes de ambos (B, C, D e E). Este facto obriga-o a remeter para assunto já tratado no Cap. 1º e produz uma insuficiência no Cap. 3, onde fala dos «lidimos (...) filhos» (p. 201), nomeando apenas D.Dinis e esquecendo-se de chamar a atenção do leitor para o capítulo seguinte, em que dá a lista completa. Mais estranha ainda é a selecção diegética do Cap. 4: segue-se à lista dos descendentes do rei as conquistas deste e do Mestre Paio Correia no Algarve (F e G) e a expressão do desejo de completar a informação da «cronica despanha» sobre este empreendimento militar (H). Poder-se-ia pôr a hipótese de esta redacção depender da *Crónica do Mestre Paio Correia*. Ora, num memorial biográfico não seria natural esta sequência, provocadora de uma interrupção na narrativa (já que os feitos de Paio Correia não se iniciariam, com certeza, com a conquista de territórios no Sul de Portugal), para falar do rei, da sua descendência e da incompletude da *CGE1344*.

Pelo contrário, o modo como esta matéria se apresenta na *CCA* é coerente com o espírito que, na minha opinião, presidiu à sua elaboração. Trata-se de, em primeiro lugar, situar o herói num espaço e num tempo histórico cuja referência é um reinado, para o que o autor escolhe uma sintaxe adequada (uma oração gerundiva - «Reinando em portugall...» - A); em segundo lugar, reservar para a família real um lugar no *incipit*, estratégia que atenua o efeito negativo que a história a narrar provocará na imagem do monarca; e, finalmente, ligar essa informação histórica com a intenção da crónica - a de repor a verdade. Nessa medida, esta primeira parte da *CCA* tem todas as características de uma pequena introdução necessária à contextualização da história que se pretende contar.

O primeiro argumento a favor da tese aqui defendida resulta destas considerações. Mas entre as duas crónicas há uma diferença que não pode deixar de nos interessar.

A *CCA* termina no Cap. [IX] (já depois da conquista de Faro), com referência breve à acção do Mestre na tomada de Loulé, a uma conversa entre aquele e o Rei, e à conquista, pacífica, de Aljezur. As palavras finais, «e deos lhe deu todos estes vencimentos porque sabia quão de vontade ho Mestre hera no seu santo serviço» (p. 13), concluem bem um ciclo da vida do herói, explicando todas as vitórias anteriormente narradas em função dos princípios da guerra santa. A *C1419* narra a conquista de Loulé nos mesmos termos, mas prolonga a resposta do Mestre ao rei: «Snõr disse o mestre não tomes nojo pellos que mortos são porque bem acabaraõ seu offiço [até este ponto a correspondência entre os dois textos é quase exacta; o que se segue é aditamento da crónica régia] e se o aueis por ser caualeiros logo eu posso fazer outros tantos». Depois, a *C1419* desfia mais pormenores sobre a tomada de Aljezur, mencionando uma emboscada vitoriosa dos Cristãos que a *CCA* não refere (p. 218 - ll.3-18) e conta ainda, em analepse correctiva do Cap. 10¹⁰, a conquista de Albufeira, da responsabilidade de D.Lourenço Afonso, Mestre de Avis (p. 218, ll.22-23), denunciando, explicitamente, a utilização de duas

⁹ Em que dizia: «E este rej D.Affonso sendo casado com a Condessa de bolonha casou depois cõ dona Breatis filha delrej de castella, a qual ouuera de D.Major» (p. 198).

¹⁰ Correspondente ao Cap. [VII] da *CCA*.

fonte diferentes: «e dalbofeira não conta a historia certamente em que guisa foi ganhada Pero que alg s dizem que depois de Paderna e os outros lugares foraõ tomados que os Moros foraõ a Albofeira e os outros contaõ que a ganhara D.Lourenço a.º mestre davis» (*ibid.*, ll. 18-23). É aceitável a ideia de que, ao copiar a *C1419*, a *CCA* tivesse deliberadamente anulado o protagonismo do Mestre de uma Ordem concorrente. Mas por que motivo amputaria também os pormenores da conquista de Aljezur, liderada por Paio Correia, e, sobretudo, a segunda parte da resposta do mestre ao rei, em que o primeiro afirma o seu poder? Seria defensável que esta diferença é a prova de que a *C1419* teve como fonte, não a *CCA*, mas a biografia de Paio Correia. Então, por que razão ambas anunciam, por palavras quase iguais, nos Caps. 4 e [I], respectivamente, que pretendem contar a conquista do Algarve «segundo o achamos escrito»¹¹? É muito pouco crível, por motivos óbvios, que essa expressão já estivesse na *Crónica do Mestre Paio Correia*, porque se esta se referisse à *CGE1344* teria que ser uma biografia muito tardia desse cavaleiro português, falecido em 1275¹².

Mais ainda, o autor da *C1419*, no Cap. 12, indicando uma fonte diferente da(s) até aí utilizada(s), por insuficiência desta(s), finaliza com as seguintes palavras: «do mestre D.Pajo correa não achamos cousa que elle depois fizesse que de contar seja atee o cabamento de sua vida e da morte delle não sabem alg a cousa alg s onde morreo ou hu jaz soterado mas nos achamos escrito que morreo em vellois dez dias de feureiro da era de mil e trezentos e treze annos e mandou que o trouuess a Tauilla que elle ganhara e foi hi trazido escondidamente e soterranno (*sic*) entre o altar de sta Maria e a parede da igreja.» Parece evidente que o autor da *C1419* distingue duas fontes: uma onde não se encontra nada sobre a vida do Mestre depois da sua acção no Algarve e outra que data a morte e localiza o túmulo. A primeira não deve ser uma biografia, visto que o registo da morte do herói é uma das características essenciais do género. Já a falta desses dados na *CCA* não é totalmente despropositada, se aceitarmos que a intenção do autor não era transcrever a biografia do Mestre, mas, sim, aproveitar dela o que melhor servia os interesses da Ordem de Santiago no Algarve: repare-se como ele soube abreviar o relato da presença do nobre português no cerco de Sevilha, que explicitamente afirma poder ler-se na *CGE1344*¹³. Pelo contrário, se a *CCA* fosse extracto da *C1419*, a amputação do capítulo final desta última seria absurdo e dificilmente explicável, visto que eliminaria, entre as informações já consideradas, a de que o Papa, conhecedor da fama de Paio Correia, lhe teria enviado uma carta a pedir-lhe a sua participação na guerra movida pelos Cristãos contra os Mouros do Norte de África e a resposta do Mestre¹⁴.

¹¹ Vide *supra* Quadro nº1 (H), p. 2. A *C1419* diz, mais precisamente, «em escrito».

¹² Cf. Machado, 1979, p. 25.

¹³ «quando ellRey de Castella tomou sevilha aos mouros segundo ho achamos escrito na coronnica de espanha era alli com elle naquelle cerquo este mestre dom payo correa» (*CCA*, Cap. [I], p. 5). Digo «abreviar», por comparação com a extensão que esse relato tem na *CGE1344*: os Caps. DCCCXVIII, DCCCXXV, DCCCXXVIII, DCCCXXIX e DCCCXXXIII, entre outros, mencionam o Mestre.

¹⁴ Cap. 12, p. 219, ll.7-15.

Finalmente, para além dos aspectos já mencionados, atente-se na epígrafe da CCA e na epígrafe do Cap. 4 da C1419¹⁵, que a seguir transcrevo¹⁶:

QUADRO Nº 2

CCA	C1419
CORONIQUE DE COMO DOM PAYO CORREA MESTRE DE SANTIAGO DE CASTELLA TOMOU ESTE REINO DO ALGARVE AOS MOROS	COMO O MESTRE DOM PAJO CORREA GANHOU AOS MOUROS MERTOLA E ALUITE E A TENEDER COMBAR E ALUAR

A epígrafe da CCA é nitidamente um título, em que se associa o nome do protagonista a Castela, conferindo-lhe a responsabilidade da tomada de todo o território algarvio. A epígrafe do Cap. 4 da C1419 apresenta um texto muito diferente: elimina o nome da Ordem de que Paio Correia foi Mestre e, consequentemente, a referência a Castela; selecciona apenas algumas das localidades conquistadas (as constantes do Cap. 4), não generalizando a acção militar à totalidade do Algarve.

Admitamos, por momentos, que a CCA é uma cópia da C1419, empreendida com a finalidade de extrair da História Geral o nome e a acção de um mestre da Ordem de Santiago, de modo a melhor destacar a sua importância. Na primeira metade do séc. xv, limite *ad quem* provável dessa suposta transcrição, Portugal tinha já encontrado a estabilidade fundada na nova dinastia de Avis, depois do longo conflito com Castela que convencionalmente designamos por «crise de 1383-1385». Antes disso, numa tentativa de evitar as perturbações causadas pelo facto de uma Ordem tão forte em Portugal¹⁷ poder ter como Grão-Mestre um castelhano, por a sua sede se situar em Uclés, D. Dinis decide autonomizar o ramo português, conseguindo, para esse efeito, uma bula do Papa Nicolau IV, em 1288¹⁸, logo revogada pelo mesmo pontífice¹⁹. D. Dinis persiste neste propósito ao longo do seu reinado, mas só em 1423, no reinado de D. João a bula «Ex Apostolice Sedis», de Nicolau V, confirma definitivamente essa situação de facto²⁰. Aliás, o Mestre português de Santiago, D. Fernando Afonso de Albuquerque, tinha combatido ao lado de D. João na disputa supracitada²¹ e, posteriormente, o novo rei oferecera o mestrado dessa Ordem a seu filho, infante D. João²². Assim sendo, é lícito afirmar que os embaraços provocados pela separação dos dois ramos dos Espatários

¹⁵ Pp. 5 e 101, respectivamente.

¹⁶ «teneder combar» é erro por «tôrre descombar».

¹⁷ Cf. Pinto, 1982, p. 316: No tempo de D. Dinis, «[...] a Ordem Militar de Santiago, fundada por Fernando II, rei de Leão, era poderosíssima em Portugal, onde possuía nada menos de 45 vilas e vilares, 150 comendas e 75 padroados»; e Marques, 1976, p. 117: Na mesma época, «para Santiago ficou a maior parte do Sul, com quase todo o Baixo Alentejo, a península de Setúbal e vários quinhões importantes do Algarve» (consulte-se, também, o mapa da p. 118).

¹⁸ Cf. Machado, 1979, p. 25.

¹⁹ Cf. Mattoso, 1985, p. 44.

²⁰ Cf. Flores e Nabais, 1992, p. 28 (cf., também, *ibidem*, nota 18).

²¹ Cf. Fernão Lopes, *Crónica del Rei dom João I*, II Parte, Cap. LXXIX, pp. 181-183.

²² Cf. Marques, 1976, p. 189 e Flores e Nabais, 1992, p. 29.

estariam completamente sanados nas primeiras décadas do séc. xv. Ora, ao fazer a transladação textual, cuja existência hipotética vos propus considerarmos provisoriamente, o copista alteraria a redacção da epígrafe do Cap. 4 da *CI419*²³, para, no título da *CCA*, ligar Paio Correia, conquistador do «reino do algarve», à Ordem de Santiago de Castela. No contexto descrito, essa opção de escrita teria sido perigosa e contraproducente, porque contrária à política iniciada por D.Dinis e concluída por D.João I.

Pelo contrário, compreende-se que um cronista que trabalhasse para a dinastia de Avis na redacção de uma crónica do reino (talvez Fernão Lopes²⁴) e que encontrasse numa fonte a expressão «Dom Payo Correa mestre da Ordem de Santiago de Castella» evitasse a referência a Castela. Por sua vez, a transformação de «tomou este reino do algarve aos moros» em «ganhou aos mouros mertola e aluete e a tener combar e aluar» afastaria habilmente, numa crónica de um rei, uma ideia que conferiria um excessivo protagonismo a um seu vassalo.

Ao longo da minha exposição, procurei demonstrar que:

1. o Cap. 4 da *CI419* tem uma estrutura anómala, ao contrário do que sucede com o texto correspondente da *CCA*;
2. o Cap. 12 da *CI419* contém informação que a *CCA* deveria ter incluído, se fosse cópia daquela;
3. as epígrafes da *CCA* e do Cap. 4 da *CI419* apresentam diferenças que apontam para a anterioridade da primeira dessas narrativas.

Por todos estes motivos, creio ser razoável afirmar, desde já, que o autor da *CI419* usou a *CCA* como fonte principal (e não o contrário) e que teve ao seu dispor outras fontes que o autor da *CCA* não conhecia. Procurarei, num trabalho que espero poder vir a publicar brevemente, alicerçar esta tese numa comparação minuciosa dos dois textos.

²³ *vide supra*, Quadro nº 2, p. 5.

²⁴ sobre a autoria de *CI419*, cf., entre outros, Basto, 1943 e 1960, Tarouca, 1951 e 1952, Cintra, 1951b e 1960 b, Krus, 1993b, e Amado, 1995.

BIBLIOGRAFIA

Crónicas

- Crónica da Conquista do Algarve (I) - Texto de 1792*, comentários e notas de José Pedro Machado, separata do n.ºVIII dos *Anais do Município*, Faro, Câmara Municipal, 1979.
- Crónica de Cinco Reis de Portugal*, ed. diplomática e prólogo de A. de Magalhães Basto, Porto, Livraria Civilização, 1945.
- Crónica Geral de Espanha de 1344*, vol. IV, ed. crítica do texto português de Luís Filipe Lindley Cintra, Lisboa, I.N./C.M., 1990.
- Crónicas dos Sete Primeiros Reis de Portugal*, edição crítica de Carlos da Silva Tarouca, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1952-1953, 3 vols.
- HERCULANO, A., *Portugaliae Monumenta Historica, Scriptores*, I, Lisboa, Academia das Ciências, 1856.
- LOPES, F., *Crónica del Rei dom João I da boa memória*, Parte Segunda, ed. de William J. Entwistle, Lisboa, I.N./C.M., 1977.

Estudos

- AMADO, T. (1991), *Fernão Lopes, contador de História*, Lisboa, Editorial Estampa.
- (1995), «1419: le projet historique d'un Infant», comunicação apresentada no Colóquio de Homenagem a Luís Lindley Cintra, Paris, Sorbonne/Casa de Paris, Março de 1995 [fotocópia da versão dactilografada gentilmente cedida pela Autora].
- AAVALLE-ARCE, J. B. (1974), «Sobre una crónica medieval perdida», in *Temas hispánicos medievales*, Madrid, Editorial Gredos, pp. 13-63.
- BASTO, A. M. (1943), *Fernão Lopes. Suas «crónicas perdidas» e a Crónica Geral do Reino - A propósito duma crónica quatrocentista inédita dos cinco primeiros reis de Portugal*, Porto, Livraria Progredior.
- (1960), *Estudos. Cronistas e crónicas antigas. Fernão Lopes e a «Crónica de 1419»*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis.
- CINTRA, L. F. L. (1951a), «Introdução» in *Crónica Geral de Espanha de 1344*, vol. I, Lisboa, Academia Portuguesa de História, [reimpressão facsimilada: Lisboa, I.N./C.M., 1983].
- (1951b), Recensão a A. M. Bastos, «A tese de Damião de Góis em favor de Fernão Lopes», *Revista da Faculdade de Letras*, 2ª série, XVII, Lisboa, 1951b.
- (1960a), «Crónica da Conquista do Algarve», in *Dicionário de Literatura*, dir. de Jacinto do Prado Coelho, Porto, Figueirinhas, 1960a [consultei a 3ª ed. de 1984].
- (1960b), «Crónica de Portugal de 1419», in *Dicionário de Literatura*, dir. de Jacinto do Prado Coelho, Porto, Figueirinhas, 1960b [consultei a 3ª ed. de 1984].

- FLORES, A. e NABAIS, A. J. (1992), *Os forais de Palmela*, Palmela, Câmara Municipal.
- KRUS, L. (1993a), «Crónica da Conquista do Algarve», in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, org. e coord. de Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, Lisboa, Caminho.
- (1993b), «Crónica de Portugal de 1419», in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, org. e coord. de Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, Lisboa, Caminho.
- MACHADO, J. P. (1979), «5. - Comentários», in *Crónica da Conquista do Algarve (1) - Texto de 1792*, separata do nº VIII dos *Anais do Município*, Faro, Câmara Municipal.
- MARQUES, A. H. O. (1976), *História de Portugal*, vol. I, Lisboa, Palas Editores, (6ª ed.).
- MATTOSO, J. (1985), *Identificação de um país - ensaio sobre as origens de Portugal, 1096--1325. Volume II - Composição*, Lisboa, Editorial Estampa.
- PINTO, A. C. (1982), *Díónisos, poeta e rei. Os costumes, a arte e a vida medieval portuguesa na época de D.Dinis*, Lisboa, I.C.L.P.
- TAROUCA, C. S. (1951), «Terão aparecido as crónicas perdidas de Fernão Lopes?», *Brotéria*, LII, I, Lisboa, 1951.
- (1952), «Introdução», *Crónica dos sete primeiros reis de Portugal*, I, Lisboa, Academia Portuguesa da História.